RESTOS MORTAIS NA PRAÇA DOS HERÓIS

Repouse em paz, Marcelino!

O PAÍS e a cidade de Maputo, em particular, pararam ontem, literalmente, para acompanhar o velório e a deposição da urna contendo os restos mortais do herói nacional Marcelino dos Santos na cripta dos Heróis Moçambicanos, em cerimónia com honras de Estado.

Kalungano, como era tratado Marcelino dos Santos no campo das artes e letras, juntou-se a outros heróis nacionais que desde 3 de Fevereiro de 1979, data da inauguração do panteão nacional, foram lá sepultados, com destaque para Eduardo Mondlane, Filipe Samuel Magaia, Paulo Samuel Kankhomba, Mateus Sansão Muthemba, Josina Machel, Francisco Manyanga, entre outros.

A cerimónia começou no Paços do Município de Maputo, onde o corpo do malogrado jazia em câmara ardente. Diferentes personalidades chegavam e assinavam o livro de condolências e, posteriormente, encaminhadas para lugares pré-destinados: ou para o átrio ou para o salão nobre, para onde eram conduzidas pelo protocolo.

Membros do Governo, dos órgãos de soberania, do corpo diplomático, personalidades dos círculos político, artístico literário, desportivo e até representantes de partidos políticos da oposição, com destaque para o presidente da Renamo, Ossufo Momade, chegaram ao local pouco depois das 9 horas.

No exterior, o movimento desusado de jornalistas era conduzido com a importância de cada figura que chegasse, o que fazia com que estes se movimentassem de um lado para o outro para colher depoimentos sobre a vida e obra do herói nacional.

Pontualmente às dez, hora prevista na agenda, chegava o Presidente da República, Filipe Nyusi, e esposa, que depois da assinatura do livro de condolências se fizeram ao salão nobre do município de Maputo, dando início à cerimónia.

No velório, marcado por cânticos revolucionários de profundo simbolismo, alguns dos quais com letras baseadas em poemas escritos por Marcelino dos Santos, foram apresentadas mensagens dos netos, filhos, desportistas, combatentes e do partido Frelimo, do qual era membro-fundador.

Coube ao Presidente da República apresentar o elogio fúnebre, cujo texto era composto por excertos da poesia de Kalungano ou Lilinho Micaia, heterónimos de Marcelino dos Santos no panorama literário. A intervenção de Filipe Nyusi marcava o fim do velório e a retirada do mais alto magistrado da nação e convidados directamente para a Praça dos Heróis, onde se realizariam as exéquias propriamente ditas.

Minutos depois, oficiais das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM) transportaram a urna contendo os restos mortais do major-general para a viatura funerária, da marca Mercedes, que o levaria à "última morada", num cortejo que seguiu diversas artérias da cidade, em marcha lenta.

O comboio de viaturas, dirigido por três batedores da Polícia de Trânsito, subiu pela Rua Municipal Este, atravessou a "Ho Chi Minh" e galgou a Avenida Olof Palme. Contornou para a "Eduardo Mondlane", seguindo depois pelas avenidas Guerra Popular e Acordos de Lusaka, até alcançar a Praça dos Heróis, onde era aguardado por unidades das FADM.

Ao som de um cântico tocado pela banda militar, as unidades seguiram em volta do carro funerário, contornando a praça até à entrada principal, onde aguardava o Chefe do Estado e demais personalidades, entre representantes dos órgãos de soberania, para o início do funeral de Estado.

Tratou-se de um ritual que começou pouco antes das 13 horas, com a urna contendo os restos mortais a ser transportada numa carreta empurrada por oficiais superiores das FADM, sob olhar atento do Presidente da República e acompanhantes.

Sob ordens do comandante, as unidades militares procederam à apresentação de armas, três tiros disparados para o ar, seguindo-se a deposição da urna no jazigo, no interior da cripta dos Heróis Nacionais, onde o nome de Marcelino dos Santos tinha sido cravado na segunda-feira.

Debaixo de 32 graus que se faziam sentir na capital do país, ouviram-se 19 salvas de canhão ao ritmo do "Pátria Amada", Hino Nacional que era entoado pela Banda Militar.

Primeiro, a família do malogrado colocou as flores em sua homenagem, depois o Presidente da República, órgãos de soberania, antigos Presidentes da República, antigos titulares dos órgãos de soberania, os secretários gerais da Frelimo e da Associação dos Combatentes da Luta de Libertação Nacional (ACLLN), e depois os outros participantes, seguindo uma lista protocolar, acto que prenunciava o fim do funeral de Estado de um dos heróis nacionais proclamado como tal ainda em vida.

O único senão, alegadamente causado pelas altas temperaturas, foram os desmaios e quedas de algumas pessoas que exigiram a pronta intervenção do pessoal da saúde e da Cruz Vermelha de Moçambique, presente no local, sem, no entanto, interferir na cerimónia.